

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: O ESTADO DA ARTE

Antonio Vicente Marafioti Garnica

Professor assistente doutor da UNESP

Órgão financiador: CNPq-Produtividade em Pesquisa)

Resumo

Este texto é a versão resumida de um artigo cujo objetivo é sistematizar as primeiras pesquisas produzidas na interface História Oral/Educação Matemática, um estudo sobre seu estado da arte. São apresentados seis trabalhos desenvolvidos entre 1997 e 2002, como apoio para a compreensão da constituição de um cenário de pesquisa. A partir de 2002, a formação do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática passa a desenvolver sistematicamente estudos sobre o tema.

Abstract

This paper tries to sketch, in a short version, the initial research production – a state of art study – in Oral History and Mathematics Education. Six researches developed between 1999 and 2002 are presented. The meaning of this presentation lies in the contribution these six works can give to understand how a specific thematic research approach grows up. Since 2002, a research topic group – the Oral History and Math Education Research Group – takes as its main effort to systematize and develop researches focusing this particular theme.

UMA INTRODUÇÃO: A EXPOSIÇÃO DESSA NOSSA TENTATIVA

Este texto é parte de um projeto de pesquisa que visa à sistematização de um referencial teórico para estudos em Educação Matemática que tomam – ou pretendem tomar – a História Oral como solo comum a partir do qual diferentes “objetos” são focados. Os projetos em Educação Matemática e História Oral, atualmente, são desenvolvidos de forma sistemática por integrantes do grupo de pesquisa¹, constituído em meados de 2002, que, interinstitucionalmente, reúne pesquisadores da USC – Universidade do Sagrado Coração de Bauru, UNESP – campus de Bauru e campus de Rio Claro, UFPR – Universidade Federal do Paraná e UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

Este artigo, especificamente, resume as contribuições de pesquisadores que desenvolveram trabalhos na interface História Oral/Educação Matemática antes da formação do referido grupo de pesquisa, e apresenta-se como uma contribuição a este grupo na medida em que traça um esboço do panorama das pesquisas precursoras, desenvolvidas entre 1997 e 2002, a partir do que a sistematização de uma linha teórico-metodológica específica pode ser constituída com maior clareza, como síntese de um esforço conjunto de vários pesquisadores, em diferentes momentos e com interesses vários. Trata-se, portanto, de agrupar contribuições por vezes dispersas, com o que se constitui um esboço de estado da arte no qual são listadas e discutidas – ainda que brevemente – investigações neste enfoque específico de vinculação História Oral/Educação Matemática. Poderíamos caracterizar os trabalhos aqui presentes, de forma mais resumida, como estudos que, em Educação Matemática, assumem a História Oral como metodologia de pesquisa. Assim o faremos neste nosso artigo. Não há, entretanto, ainda, um consenso quanto a esta caracterização.

¹ Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática”, cujos membros atuais são Antonio Carlos Carrera de Souza, Gilda Lúcia Delgado de Souza, Antonio Vicente Marafioti Garnica, Carlos Roberto Vianna, Helenice Seara, Sílvia Vieira da Silva, Michela Tuchapesk, Maria Ednéia Martins, Luzia Aparecida de Souza, Marisa Rezende Bernardes, Emerson Rolkouski, Heloísa de Silva, Ivani Galetti, Ivete Baraldi, Rosinéte Gaertner e Zionice Martos.

HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA

Falar em História Oral como metodologia de natureza qualitativa servindo à Educação Matemática implica estudar fundamentos para ações de distintas naturezas. Primeiramente há que se estabelecer o que se pretende compreender a partir de depoimentos orais e, junto a isso, o que faz um depoimento pertencer a essa abordagem específica e não a outras tantas abordagens de pesquisa que já são tidas como “naturais” em Educação Matemática. A intenção de estabelecer certos parâmetros básicos para a pesquisa do que temos chamado de “História da Educação Matemática a partir de relatos orais” não deve, porém, ser vista como uma tentativa de engessamento nas ações de investigação.

Recolher e estudar depoimentos visando à reconstituição de histórias dentro de histórias é, em si, iniciativa de recriação que comporta novos significados dado que à intenção da reversibilidade nos tempos corresponde igualmente sua redefinição (Oliveira, 1999). Ouvir atentamente às narrativas e com elas dialogar, procurando o conselho, a sugestão, é a exigência primeira para apreensão da sabedoria: *“O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história /.../. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”*. (Walter Benjamin apud Oliveira, 1999).

Instituir uma abordagem específica para coleta e análise de dados numa pesquisa dessa natureza, buscando resgatar anterioridades para redimensionar histórias presentes e respeitando os trabalhos já desenvolvidos, e inserindo, nessas investidas, as particularidades da Educação Matemática como área de pesquisa, requer tratamento cuidadoso, mas urgente.

É reconhecida a potencialidade das abordagens qualitativas nos estudos em Educação Matemática, mas é bastante provável que os estudos relativos à memória e à reconstituição histórica não se submetam a uma única dentre as modalidades de pesquisa qualitativa e fundantes teóricos já tratados pela literatura específica. Necessitamos, assim, de uma abordagem qualitativa que se situe em interfaces de métodos distintos, plasmadas em filosofias que, embora diversificadas, se dispõem ao diálogo, constituindo, então, metodologia alternativa e, nesse sentido, inédita. Essa empreitada de recontextualização exige que se elabore um levantamento do que já foi desenvolvido cuidando para que, com esse ponto de partida, não se criem regulamentações estáticas, que aprisionem em modelos apriorísticos, prontos-à-mão, a ação do pesquisador.

Esse nosso levantamento pretendeu abarcar todas as contribuições de pesquisadores até o ano de 2002, quando deu-se a constituição de um grupo próprio para a discussão da interface História Oral e Educação Matemática. Não podemos garantir, entretanto, que não haja contribuições outras, até mesmo anteriores, por maior que tenha sido nosso esforço em inventariá-las. Cremos que os estudos aqui listados, ainda que com as possíveis lacunas, dão um panorama bastante significativo do início de composição de um cenário de investigação que, mais recentemente, tem se mostrado extremamente profícuo para a Educação Matemática.

APRESENTANDO O INVENTÁRIO

Nosso inventário é, aqui, apresentado na forma resumida. Em sua íntegra, apresentam-se resenhas completas dos trabalhos. Tais resenhas, entretanto, pela natureza de nossa proposta, têm seu foco na opção metodológica – e suas decorrências – de cada um dos autores, embora um roteiro mais geral de cada uma das pesquisas também seja considerado. Com a intenção de constituir um panorama sobre as primeiras pesquisas que, em Educação Matemática, valem-se das indicações próprias ao que tem sido chamado “História Oral”, optou-se por apresentá-las cronologicamente. Além disso, com a intenção de constituir, junto ao inventário, um registro de profissionais já entrevistados por memorialistas, constam, em notas de rodapé, os nomes dos depoentes colaboradores em cada um dos estudos. Finalmente, ressalta-se que não nos

impusemos limites nem quanto à quantidade das citações textuais em cada uma das resenhas nem quanto à quantidade de notas de rodapé. Em relação às citações, num levantamento dessa natureza, pensamos que seria adequado preservar, tanto quanto possível, a voz dos pesquisadores – sempre em itálico – nos momentos em que eles próprios apresentam as configurações gerais de suas pesquisas. A leitura das notas de rodapé é facultativa: talvez seja mais indicada aos leitores interessados em detalhes (as referências são as que julgamos essenciais para consultas complementares). Àqueles interessados apenas numa caracterização geral dos estudos precursores em Educação Matemática e História Oral indica-se que mantenham o fluxo texto.

SOBRE O ENSINO DA ÁLGEBRA ELEMENTAR

Marco Antonio Geraldo de Oliveira (Oliveira, 1997) desenvolve sua dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP a partir da questão geradora *“Como o professor de matemática relata sua prática educativa em álgebra elementar, historicamente produzida, e quais reflexões ele faz sobre isso?”*, apoiado nos depoimentos de quatro professores de Matemática² (*“decidimos que os seguintes critérios deveriam ser levados em consideração para a escolha dos sujeitos: ter vivenciado a implantação da Matemática Moderna no nosso Sistema Educacional; possuir vários anos de experiência com o ensino da álgebra elementar; parte dos sujeitos deveria ter continuado seus estudos após a graduação em matemática e outra parte não”*³.) Também a opção pela História Oral fica já explicitada na introdução (*“a forma de estruturar o presente trabalho segue a orientação proposta por Silva (1993)⁴ [...] que utilizou a História Oral enquanto técnica de gravação, produção e tratamento de depoimentos orais coletados através de entrevistas”*).

A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA BAIXADA SANTISTA

Gilda Lúcia Delgado de Souza (Souza, 1998), em sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, foca a Educação Matemática na Baixada Santista das décadas de 1950 a 1980. É o primeiro trabalho de pesquisa em Educação Matemática que explicitamente utiliza a História Oral como metodologia de pesquisa de um modo mais rigoroso do que o faz Oliveira, em trabalho anterior. Dada a inexistência de parâmetros explícitos para a utilização da História Oral em trabalhos de Educação Matemática, esse “rigoroso” precisa ser melhor explicado: Souza segue mais de perto os teóricos tanto da História quanto os da História Oral. As indicações de Oliveira, nesse sentido, são genéricas, embora haja referências cruzadas nos dois trabalhos. Souza detém-se a explicitar suas concepções de modo mais claro, passando pelas instâncias da transcrição e da textualização para chegar até uma possível sistematização dos dados coletados. No trabalho de Oliveira, a utilização dos depoimentos é relativamente mais livre dessas amarras, provavelmente por espelhar-se mais nos critérios das pesquisas de vertente qualitativa (“naturais” às investigações em Educação Matemática) do que nos da História Oral propriamente dita.

O período estudado por Souza respeita a trajetória pessoal da autora e impõe-se como significativa, num contexto mais amplo, à luz das legislações que, à época, entravam em vigor. Especificamente, a Lei de diretrizes e Bases 4 024 de 1961 e sua mudança, em 1971, para a lei

² Maria Ângela Miorim, Ruy Madsen Barbosa, Celeste Lopes, José Maria da Silva.

³ O autor (que para isso segue Miguel e Fiorentini) situa a Matemática Moderna como responsável por alterações profundas na concepção de educação algébrica, o que “produziu mudanças significativas tanto no âmbito das propostas curriculares oficiais quanto no âmbito dos livros didáticos”, sendo apontada como “o principal marco de mudança do ensino brasileiro de matemática nos últimos 50 anos”. Assim, tendo a Matemática Moderna como eixo, Oliveira opta por concentrar seu estudo a partir da década de 40, com o que se justificariam seus dois primeiros critérios. Quanto à formação em cursos de pós-graduação não há considerações sobre o que o levou a estabelecer tal exigência. (nota nossa)

⁴ Trata-se de Silva, S.A.I. (1993). *Educação/Cultura na memória de profissionais da educação: reflexões sobre experiências na Escola Pública Paulista (1930-50)*. Tese de doutorado. PUC/SP

5692, e o surgimento de órgãos oficiais da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como a COGESP (Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo), o DRHU/LC (Departamento de Recursos Humanos Laerte de Carvalho) e a CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Destaque-se, ainda, o acordo MEC/USAID⁵, firmado na década de 1960. A autora, então, opta por estudar um grupo de professores da Baixada Santista que se coloca em evidência nesse contexto. Assim, a proposta da pesquisa é “*realizar um levantamento histórico, ‘disparado’ a partir das perspectivas de quatro depoentes⁶, da Educação Matemática no Estado de São Paulo nas três décadas citadas*”.

Para esboçar o que entende por História e, conseqüentemente, por História Oral, Souza vale-se de autores como Ecléa e Alfredo Bosi, Jacques Le Goff, Philippe Ariès, Carlo Ginzburg, Michel de Certeau e Bom Meihy, além de uma extensa bibliografia complementar de apoio. A literatura, as experiências vividas e os depoimentos textualizados, segundo a autora, devem servir para que se possa “*ampliar e corrigir nossas possibilidades como observadores do Tempo (presente, passado e futuro), narradores da Memória (individual e coletiva) e educadores que interpretam as práticas cotidianas da Educação Matemática*”, educando o olhar “*para uma melhor compreensão das práticas sociais que habitam o cotidiano escolar*”.

Essa “educação do olhar” é a perspectiva central do último capítulo, no qual Souza assinala mudanças e permanências nas práticas sociais ligadas à Educação. Trata-se de uma sistematização – que não se esgota – das várias compreensões da autora sobre o objeto que pretendeu abraçar, resgatando aspectos da formação acadêmica dos entrevistados, suas atuações docentes, os projetos e ações por eles desenvolvidas e aspectos das legislações vigentes.

CIRCUNSTÂNCIAS, UTOPIAS E PRECONCEITOS

O trabalho de doutorado de Carlos Roberto Vianna (Vianna, 2000), apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, tem aspectos extremamente inovadores, quer seja se comparado ao estilo das teses “clássicas” de doutorado, quer seja quanto, no âmbito da Educação Matemática, ao método utilizado. Já no resumo ficam expressas tanto a tese, propriamente dita (“*professores atuando dentro de departamentos de matemática que optam por exercer atividades predominantemente no campo da Educação Matemática sofrem resistências de fundo preconceituoso por parte de seus colegas [...] [o que] acarreta dificuldades para a realização de seus trabalhos que não decorrem da natureza do objeto acadêmico de estudo, e sim da transformação do preconceito em ações discriminatórias*”), quanto os pressupostos metodológicos (“*foram realizadas entrevistas tendo como base a metodologia da História Oral, em duas vertentes: por um lado a história de vida e, por outro, a história temática*”). No que diz respeito à história temática, três temas são abordados: uma definição de utopia, uma definição de Educação Matemática e a resistência vivenciada.

Já na introdução manifesta-se a opção do autor por um estilo, no mínimo, “alternativo”. Inspirado no *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, é Marco Polo quem introduz o trabalho em cuja trama esse dado será apenas o primeiro dentre os muitos estranhamentos sugeridos ao leitor. E é Marco Polo quem faz a afirmação que, de certo modo, regerá as iniciativas do autor:

⁵ “Segundo Gadotti”, em nota da autora, “chamou-se MEC/USAID aos acordos firmados entre o governo brasileiro e a USAID (Agência Norte Americana para o desenvolvimento Internacional). [...] A partir da assinatura dos acordos é inaugurado um novo estilo de fazer política educacional no país. O contexto mais geral dessa intervenção é o contexto econômico: o pretexto da ‘assistência técnica’ servia para camuflar o real interesse que era atrelar o sistema educacional ao modelo de desenvolvimento dependente imposto pela política econômica americana para a América Latina. [...] A intervenção norte-americana no Brasil é anterior ao regime militar instaurado com o golpe militar de 1964. A partir dessa data, porém, houve um fortalecimento dessa intervenção na medida em que a conquista do estado pela burguesia nacional se deu sob a égide do capitalismo internacional. Os acordos MEC e USAID são, de um lado, o resultado dessa aliança e, por outro lado, representam também uma reação ao crescimento dos movimentos de libertação nos países latino-americanos”.

⁶ Maria Lúcia Martins Demar Perez, Maria Luiza Carmo Neves da Silva, Sylvio Andraus e Almerindo Marques Bastos. Do prof. Almerindo encontrar-se-á referência, também, em um dos depoimentos do trabalho de Vianna (2000). (nota nossa).

“Acredito que as vidas dessas pessoas são mais importantes do que as matemáticas de que elas falam, mas vida é exatamente o que eu não tenho, e podem acusar no meu julgamento apenas um reflexo do desejo. Ainda assim, eis minha mensagem: as vidas é que importam”

Concordando com o veneziano (*“tenho que concordar com o Marco Polo: nesse trabalho o mais importante são as vidas, e todo o resto são apenas circunstâncias”*), Vianna segue seu estilo peculiar mesclando depoimentos, pequenos textos e o que poderíamos chamar de ‘registros de leituras conjuntas’. Esse recurso de registrar as sessões em que o trabalho foi lido e discutido por convidados causa um outro estranhamento ao leitor. Dentre os vários convidados para essas sessões, quatro são professores universitários que realizaram uma leitura preliminar da tese, tendo se reunido sem a presença do autor e do orientador⁷, sendo que as discussões desses quatro professores alinhavam, até onde se pode perceber, uma crítica às intenções de Vianna e certos pressupostos que – crêem esses leitores “experimentais” – foram por ele negligenciados, precisando ser mais elaborados e explícitos: os leitores do experimento, portanto, dialogam com o texto, em idas e vindas, concordâncias e discordâncias, sugerindo continuidades, complementações, apontando falhas e revendo-as continuamente. Funcionam, propriamente, como *médium* de um diálogo entre autor e leitor ou, como se poderá perceber depois de boa parte da leitura ter sido realizada, muitas vezes, como a explicitação do diálogo interno do autor consigo mesmo. São nesses jogos entre leitores e autores – e nos textos que desses jogos resultam – que os fundantes da metodologia são apresentados.

Há nisso um contínuo jogo entre realidade e ficção que, se aqui desvendado, pode inibir a participação de outros leitores – secundários ou *outsiders*, não os aqui chamados “experimentais” – na trama da composição⁸. Esse jogo da composição e suas regras – que constituem o estilo inusitado do autor e, até diríamos, sua intenção de tese – remete-se, como poderemos ver na sessão de “notas” ao trabalho, ao *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino e “[à] *idéia de Baktin de que, na construção de um texto, e na de um texto científico em particular, atuam muitas vozes*”. Pode-se afirmar que, tematizando utopias e preconceitos, o estilo com que o trabalho é apresentado, distanciando-se das normas acadêmicas em vigor, tem como função possibilitar a manifestação de preconceitos que, por sua vez, dariam ao autor a possibilidade de exemplificar e/ou reforçar e/ou defender algumas de suas utopias.

De quinze professores⁹ resultaram os depoimentos para o trabalho. As opções metodológicas, embora visíveis a cada momento da leitura (mais ainda quando uma boa parte dessa leitura já foi realizada), não estão sistematizadas ou fundamentadas de modo explícito, seguindo os parâmetros ditos “acadêmicos” tidos como padrão, mas espalhadas pelo *corpus* do texto. Não se trata, porém, de uma negligência do autor, mas de uma opção. Impondo-se não seguir modelos rígidos, Vianna reconhece que *“a maneira de argumentar teria que ser não convencional”*.

⁷ Entretanto, alerta o autor: “Devido a vários problemas encontrados para a realização dessa experiência [a primeira sessão de leitura], várias modificações foram introduzidas no texto e foi necessária a realização de uma segunda sessão de leituras. Para manter a coerência da experimentação foram convocados novos leitores e devido a problemas de tempo apenas duas pessoas concordaram em participar. Os comentários foram incorporados às falas anteriores de modo que durante todo o tempo parecerá haver apenas quatro leitores.” Para organizar minimamente essa nossa resenha, chamaremos de “leitores experimentais” os que participam dessas sessões de leitura e que, portanto, fazem parte do *corpus* do texto. Aos leitores do trabalho já concluído chamaremos “leitores *outsiders*” pois, diferentemente dos leitores do primeiro grupo, estes não participaram da elaboração do trabalho.

⁸ Nesse ponto manifesta-se um conflito: como poderá um leitor “*outsider*” – aquele que lê o trabalho, em sua versão escrita, já terminado –, como nós, que pretendemos resenhá-lo, desenvolver a crítica ainda que compactuando com sua forma? A mera explicitação seria definitiva para truncar intenção e realização. Negligenciar aspectos dessa realização, por outro lado, impede a clareza da crítica. Vamos, então, no compasso sugerido por Derrida: um texto só é um texto se oculta, ao primeiro olhar, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Optamos aqui por um mostrar que retenha mistérios.

⁹ Ana Kaleff, Eduardo Sebastiani Ferreira, Elon Lages Lima, Elza Gomide, João Bosco Pitombeira de Carvalho, Lílían Nasser, Lucia Tinoco, Luiz Márcio Imenes, Maria Laura M. Leite Lopes, Nilson Machado, Nilza Bertoni, Paulo Figueiredo Lima, Roberto Baldino, Rodney Bassanezi e Ubiratan D’Ambrósio. Cada um dos depoentes escolheu seu pseudônimo, ao contrário dos leitores “experimentais”, que tiveram seus pseudônimos escolhidos pelo autor. Quanto aos entrevistados, é interessante a associação pseudônimo/nome real, proposta pelo autor como parte de seu jogo e por ele mesmo explicitada ao final do trabalho. Alguns roteiros para a coleta das histórias de vida estão esboçados à página 65 do trabalho.

Na maior parte do *corpus* desse trabalho de doutorado, porém, os pontos de vista que poderiam ser tomados como instâncias teóricas estão diluídos nos textos complementares e nas discussões entre os leitores experimentais. É, resalte-se, uma trama fluida, cifrada, de argumentação que bem serve aos propósitos do autor de questionar a objetividade acadêmica e a unicidade dos significados e advogar pela participação dos mecanismos de ficção nas pesquisas históricas.

RESGATANDO UMA HISTÓRIA DE VIDA

O trabalho de Ana Maria Reckziegel Teixeira (TEIXEIRA, 2000), apresentado ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, pretende, segundo sua autora, “*resgatar a história da Educação Matemática na Universidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, a partir do relato da vida de uma professora – Maria Fialho Crusius – cuja história se confunde e se inter-relaciona com a história do ensino de Matemática nessa Universidade e também na região*”. Lembrando que Maria Crusius foi uma importante divulgadora das teorias de Piaget, o que discutia no Laboratório de Matemática da UPF, do qual foi coordenadora, tendo como apoio traduções por ela mesmo realizadas, é significativo apontar um outro objetivo do trabalho, a intenção de “*/.../ complementar escritos como o de Mário Sérgio de Vasconcelos¹⁰, A Difusão das Idéias de Piaget no Brasil, que aborda os movimentos dos núcleos de estudo das obras piagetianas surgidos no Brasil nos grupos fixados nas capitais de estados brasileiros mas, com exceção de São Paulo, omite importantes experiências regionais. Desse modo, a impressão que fica da leitura desse livro é de que o movimento, no Rio Grande do Sul, aconteceu somente em Porto Alegre*”.

O resgate de histórias de vida a partir de fontes orais – tido como método da pesquisa, segundo TEIXEIRA – é brevemente apresentado no início do trabalho. Os autores de referência são Selva Guimarães Fonseca, Bom Meihy, Elza Nadai, Marieta de Moraes, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Antonio Nóvoa. Para esse resgate da história de vida de Maria Crusius interconectada à história da UPF e da Educação Matemática no Estado do Rio Grande do Sul, a autora vale-se de entrevistas com a professora e de documentos que coletou durante esses contatos. Tendo as interlocuções com Maria Crusius se tornado difíceis, depoimentos complementares foram recolhidos de outros colaboradores¹¹. Com isso, a história do Laboratório de Matemática e as influências de D. Maria em relação à Educação Matemática vão sendo reconstituídas pela autora, apoiadas em citações que são excertos das entrevistas coletadas. A íntegra das entrevistas segue como anexo ao trabalho.

REGISTRANDO ASPECTOS DE UMA COLONIZAÇÃO RECENTE

Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT, Janice Lando em trabalho apresentado ao curso de especialização em Educação Matemática daquela instituição, em 2002, estuda o ensino de Matemática na cidade de Sinop, valendo-se da História Oral como metodologia de pesquisa, de acordo com as fundamentações dadas em Gattaz, Meihy e Thompson.

A despeito da quase inexistência de fontes documentais sobre o processo de colonização da pré-amazônia matogrossense, a autora esboça um cenário bastante abrangente das dificuldades dos primeiros habitantes não-nativos (muitas vezes apoiada nos depoimentos que recolheu) e opta por restringir esse seu estudo sobre a Educação (em especial a Educação Matemática) no município de Sinop ao período que vai de 1973 (ano da fundação) a 1979 (ano

¹⁰ Edição da Casa do Psicólogo, São Paulo, 1996 (nota nossa).

¹¹ “Catarina Ceratti Gobbi, que foi sua colega em Boa Esperança, onde ambas começaram a carreira de magistério /.../ Mary Caetano Costa, que relata fatos do tempo em que era colega e aluna de D. Maria /.../ Esther Grossi, que comenta os encontros criativos em cursos e reuniões, principalmente os ocorridos no Geempa /.../ Carmen Gomes, /.../ aluna de D. Maria na UPF e companheira de Geempa e de Laboratório de Matemática; Ocsana Danyluk /.../ sua aluna e colega [e] Dario Fiorentini, ex-aluno, ex-colega da Universidade /.../ e de Laboratório da UPF. Anotações pessoais de D. Maria e atas das reuniões do Laboratório contemplam outros períodos pesquisados”.

da emancipação política). Para isso, recolhe depoimentos de “sete pessoas¹², dentre as quais três professores, dois pais e dois alunos, todos envolvidos nas atividades relativas à educação no período estabelecido”.

Conclui a autora: “Os relatos nos possibilitaram constatar um ensino de matemática realizado em situação extremamente precária. Lecionava-se no pátio e nos corredores; não havia livros para auxiliar na preparação das aulas; os professores – selecionados entre os próprios moradores – na maioria das vezes não eram formados na área; não havia assessoria presente pois a escola de Sinop ‘pertencia’ a uma escola da cidade de Vera, e o único contato entre os professores e a direção e coordenação da escola acontecia em reuniões bimestrais; o número de alunos aumentava diariamente, o que acarretou a necessidade de haver, por algum tempo, três períodos de aula por dia (matutino, intermediário e vespertino) posto que, não havendo energia elétrica, eram inviáveis as aulas em período noturno. /.../ Ficou também visível o controle exercido pelas religiosas católicas que trabalhavam na direção da escola, tanto nos aspectos pedagógicos e no controle diário do planejamento das aulas, quanto nos aspectos administrativos, na seleção dos professores que trabalhariam na escola (invariavelmente pessoas ligadas a grupos católicos)”.

O ESPAÇO DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTES

Em seu trabalho de doutorado apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, em 2002, Guérios pretende “compreender como professores se constituem profissionalmente em pensamentos, ações e saberes em espaços de formação e prática docente”. Para depoentes foram selecionados seis professores¹³ ligados ao Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Matemática e Ciências Físicas e Biológicas da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. O Laboratório é, por excelência, o campo a partir do qual toda a pesquisa sobre a constituição do profissional – cuja compreensão é focada pela autora – se estrutura. “O período de abrangência do estudo vai de 1985, ano de fundação do Laboratório, até o ano de 2000”. A história do Laboratório, por sua vez, é reconstituída também a partir de levantamento documental, considerando-se toda a malha de produções escritas a partir dele elaboradas (textos, apostilas, conferências, artigos), além das documentações oficiais (legislações, pareceres).

Guérios não pretende utilizar os recursos da História Oral como uma forma de reconstituir um panorama – aquele do Laboratório – histórico, mas para dar conta de compreender a trajetória de constituição profissional dos docentes, no que – a autora parece ter isso como pressuposto – as atividades nesse Laboratório desempenham papel fundamental.

Para desenhar o cenário no qual vai trabalhar com História Oral, a autora cita a influência decisiva do trabalho de Selma Guimarães Fonseca¹⁴. Guérios é a única pesquisadora dentre os aqui resenhados a assumir explicitamente uma instância interpretativa (“final”) dos depoimentos recolhidos. É num cotejar entre depoimentos e referenciais teóricos que a autora finaliza seu trabalho, realçando aspectos relativos à experiência, à prática, à reflexão, à formação, à transformação dos professores, construindo uma malha que, segundo ela,

¹² Terezinha Vandresen Pissinatti Guerra, Maria Augusta Paula São José, José Roveri, Maria Vilma Brun, Reinaldo Domingos Modanese, Marisa Lucia Brun e José Carlos da Silva. Na verdade, foram feitas 8 entrevistas. A primeira delas, chamada “entrevista ponto zero” segundo indicação de Meihy (1996), com a Professora Maria Lúcia de Araújo Braz, serviu apenas como guia para as futuras entrevistas e para obter informações sobre possíveis questões de depoentes. Por decisão da pesquisadora, essa entrevista não integra o trabalho.

¹³ Em princípio, os seis professores são apresentados como Vilma, Sonia, Tânia, Joceli, Vera e Marcionei e são tratados pelos primeiros nomes até o último parágrafo da tese quando são apresentados como Vilma Maria Marcassa Barra, Sonia Maria Chaves Haracemniv, Marcionei Guimarães, Vera Lúcia Born, Tânia Terezinha Bruns Zimer e Joceli Aparecida Anaczewski. Mais do que um recurso de estilo, a apresentação dos nomes completos dos sujeitos somente ao final de um processo fundamenta-se nas opções metodológicas da autora, dentre as quais há referência de Charlot: “Essa história não se reduz à trajetória. Trajetória é um deslocamento em um espaço (social); é relação que um observador externo pode estabelecer entre sucessivas posições. A História pertence ao tempo, e não ao espaço; é a relação entre as três dimensões do tempo (presente, passado, futuro) que se supõe mutuamente e não podem ser justapostas, como as posições. É uma relação constitutiva do sujeito.”

¹⁴ FONSECA, S.G.(1997). *Ser professor de História no Brasil: história oral de vida*. São Paulo: Papirus.

possibilitou compreender o processo evolutivo desses profissionais ligados ao Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Matemática e Ciências Físicas e Biológicas da Universidade Federal do Paraná, no qual ela própria atua.

ARREMATES TEMPORÁRIOS

Os seis trabalhos acima brevemente apresentados constituem o panorama inicial das pesquisas na interface História Oral/Educação Matemática. Uma breve avaliação dessas iniciativas nos permite afirmar que há diferenças – por vezes significativas – quanto ao modo como a interface é concebida por seus autores, principalmente no que diz respeito aos passos metodológicos com os quais as pesquisas se constituem. Um estudo mais aprofundado para detectar essas divergências e formar um solo de ação mais homogêneo – ainda que não se pretenda uma regulamentação de procedimentos – tem sido feito nos recentes trabalhos – finalizados ou em desenvolvimento – do grupo História Oral e Educação Matemática. Dentre os trabalhos já finalizados citamos as contribuições de SOUZA e SOUZA (2001), SOUZA (2003), BERNARDES (2003), BARALDI (2003) e GARNICA (2003 e 2004). Dentre os trabalhos em desenvolvimento pelos demais membros do grupo há contribuições sobre a identidade do professor de Matemática; sobre o ensino de Matemática em escolas rurais; sobre a importância da articulação família/escola para o ensino de Matemática; sobre a identidade de grupos em Educação Matemática; sobre a Educação Matemática na Nova Alta Paulista (SP), na região de Blumenau (SC) e no Norte Novíssimo do Paraná; um estudo sobre a CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Além desses, há trabalhos sobre a alteração e a permanência das concepções dos professores de Matemática; sobre o NEDEM (Núcleo de Estudo e Difusão do Ensino da Matemática) do Paraná; e sobre os fundantes epistemológicos das pesquisas na interface História Oral/Educação Matemática.

Palavras-chave: História Oral, Educação Matemática, estado da arte

BIBLIOGRAFIA

- BARALDI, I.M.(2003). *Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. Tese de doutorado em Educação Matemática. IGCE, UNESP, Rio Claro.
- BERNARDES, M.R.(2003). *As várias vozes e seus regimes de verdade: um estudo sobre profissionalização (docente?)*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências. Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru.
- GARNICA, A.V.M.(2003). História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. *ZETETIKÉ*, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM.
- GARNICA, A.V.M. (2004). *História Oral e Educação Matemática*. In BORBA, M.C. e BICUDO, M.A.V. (2004) *Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica. (no prelo).
- GUÉRIOS, E. C. (2002). *Espaços Oficiais e Intersticiais da Formação Docente: histórias de um grupo de professores na área de Ciências e Matemática*. Tese de doutoramento em Educação. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP.
- LANDO, J.(2002). *O ensino de Matemática em Sinop nos anos de 1973 a 1979: uma história oral temática*. Universidade Estadual de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Exatas, Sinop.
- OLIVEIRA, P. de S. (1999). *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- OLIVEIRA, M.A.G. (1997). *O ensino de álgebra elementar: depoimentos e reflexões daqueles que vêm fazendo sua história*. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação: UNICAMP.
- SOUZA, G. L. D. de (1999) *Três décadas de Educação Matemática: um estudo de caso da Baixada Santista no período de 1953 a 1980*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Rio Claro: UNESP.

- SOUZA, A.C.C. de. e SOUZA, G.L.D. de. (2001). *Cotidiano e Memória. Teoria e Prática da Educação*, Maringá: UEM. 4(8): 63-72.
- SOUZA, A.C.C. de. (2003). *Memórias e Paisagens: trilhas e caminhos para a formação de professores*. In BICUDO, M.A.V.(org.). *Formação de Professores: da incerteza à compreensão*. Bauru: USC, 2003. pp. 85-118.
- TEIXEIRA, A.M.R. (2000). *A sinfonia dos números: Maria Fialho Crusius – uma vida dedicada à Educação Matemática na UPF*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação: Universidade de Passo Fundo.
- VIANNA, C.R. (2000). *Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática*. Tese de doutorado em Educação. Faculdade de Educação: USP.

Antonio Vicente Marafioti Garnica

e-mail: vgarnica@travelnet.com.br